

Ele se calou, mas Constance sentiu o negror do desespero em sua alma. Desespero que era a morte de todo desejo, de todo o amor; desespero semelhante a uma caverna escura dentro do homem, na qual o espírito se perde.

— Você fala muito friamente do sexo, disse ela. Fala como se só tivesse procurado o seu próprio prazer, na sua própria satisfação.

Constance falava nervosamente.

— Não. O que há é que sempre quis tirar duma mulher meu próprio prazer, minha própria satisfação e não o consegui; era necessário que o meu prazer e o delas viessem juntos, mas todos falhavam. Temos que ser um naquele momento.

— Mas você nunca acreditou nas mulheres que teve — nem ainda acredita em mim.

— Não sei o que é isso de acreditar numa mulher.

— Aí está! O mal é esse.

Constance continuava aninhada em seu colo, mas Mellors permanecia de espírito ausente e vago. Não estava ali; e tudo quanto ela dizia mais o afastava dali.

— Em que acredita, então?

— Não sei.

— Em nada! Como todos os homens que conheci, você também não acredita em nada.

Calaram-se. Depois ele falou:

— Não; creio nalguma coisa, sim. Creio na necessidade de amar. Creio sobretudo na necessidade de fazer aquilo com ardor. Creio que se os homens pudessem copular com ardor e as mulheres o aceitassem de coração, tudo andaria direito. Mas essas fornicções geladas em que o coração não entra, não passam de morte e estupidez.

— Mas a mim você não fornicca friamente, não? insistiu ela.

— Tenho o coração frio como batatas, neste momento.

— Oh! exclamou ela beijando-o, a rir-se. Tenhamos batatas "sautées".

Mellors também riu-se e endireitou-se na cadeira.

— É um fato. Dou tudo por um pouco de calor e cordialidade — mas as mulheres não querem. Até você, no fundo, não quer. Você gosta duma cópula viva, penetrante, fria,

sem coração, e depois pretende que foi um açúcar. Onde a sua ternura por mim? Desconfia de mim como um gato desconfia do cão. E lhe digo que nada se faz senão a dois. Você gosta de fornicar, não há dúvida; mas quer que isso traga um nome misterioso e magnífico para melhor lisonjear a importância que dá a si própria. A importância que dá a si mesma vale para você cinquenta vezes mais do que qualquer homem ou do que qualquer conjunção com um homem...

— Mas é justamente disso que eu acuso você. A importância que dá a si mesmo é tudo para você.

— Está bem. Não falemos mais nisto, concluiu ele, fazendo menção de se levantar. Fiquemos cada um onde estamos. Prefiro a morte a continuar com fornicções assim.

Ele ergueu. Ambos afastaram-se.

— E julga que eu queria isso? exclamou Constance.

— Espero que não. Mas, seja como for, vá dormir lá em cima que dormirei cá embaixo.

Constance encarou-o. Mellors estava pálido, com o rosto sombrio. E longe dela como o pólo! Ah! Os homens eram todos os mesmos!

— Não posso sair daqui senão amanhã de manhã, disse ela.

— Sim, mas vá deitar-se lá em cima. O relógio está marcando uma menos quinze.

— Não vou, disse Constance.

— Nesse caso vou eu, foi a resposta de Mellors apanhando os sapatos.

Constance encarou-o fixamente.

— Espere, disse. Espere! Que houve entre nós?

Mellors, a atar os sapatos, não respondeu. O tempo passava. Uma tontura invadiu Constance, que ali ficou de olhos arregalados, quase sem consciência de nada.

Aquele silêncio fê-lo erguer para ela os olhos. Viu-a estarecida, perdida no vago. E como impellido por um vento, com um pé descalço e o outro não, atirou-se a ela, agarrou-a e apertou-a a ponto de lhe fazer mal. E conservou-a assim e Constance deixou-se ficar.

E suas mãos procuravam-na cegamente, erguendo-lhe a saia; procuraram-na lá onde ela era macia e quente.